



“TU/ VOCÊ NÃO AVALIA AS GRANDES SAUDADES QUE EU SINTO”: ENTRE A TRADIÇÃO E VARIAÇÃO DAS FORMAS DE TRATAMENTO EM CARTAS AMOROSAS RECIFENSES E SERTANEJAS

Elizabhatt Christina Cavalcante da Costa ¹
Tallys Júlio Souza Lima ²

RESUMO

Este artigo objetiva apresentar o mapeamento dos caminhos percorridos pelo subsistema de tratamento pernambucano para a expressão pronominal de segunda pessoa do singular (VOCÊ_TU), em duas décadas do século XX. Para isso, pretendemos analisar a frequência de uso das formas de tratamento variantes TU e VOCÊ ocupando a posição sintática de sujeito em 188 cartas do subgênero amor, produzidas em duas localidades do estado de Pernambuco, sendo elas a região metropolitana do Recife e a região do alto sertão do Pajeú. O material organizado compreende amostras da capital referente aos anos de 1949 a 1950 e do sertão das décadas de 1950 e 1970. Para tal, partimos pelos caminhos da linguística sócio-histórica do português brasileiro e da Solinguística-Histórica (MATTOS & SILVA, 2004), ancorados na perspectiva teórico-metodológica da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008[1972]), associadas ao modelo das Tradições Discursivas (KABATEK, 2008). Para obtenção dos resultados da Capital e do Sertão, consideramos tanto fatores intra quanto extralinguísticos e, assim, obtivemos: a) maior produtividade de VOCÊ sobre TU na capital pernambucana; b) distribuição proporcional entre as formas variantes em cartas do Alto Sertão do Pajeú; c) preferência de uso dos pronomes como formas concretas preenchidas nas duas localidades; e d) três paradigmas de concordância para o uso de TU e VOCÊ em posição sintática de sujeito nas duas variedades.

Palavras-chave: Subsistema Tu e Você, Posição de sujeito, Cartas de amor, Formas tradicionais de dizer.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo faz parte da trajetória de investigações em curso sobre o duelo das formas de tratamento TU e VOCÊ, no âmbito do projeto nacional Para História do Português Brasileiro de Pernambuco (PHPB-PE). Desse modo, é relevante ressaltar que o nosso intuito, com este trabalho, é contribuir com novos resultados sobre o mapeamento diacrônico do subsistema de tratamento pernambucano (VOCÊ_TU), a partir de uma análise panorâmica dos *corpora* da capital pernambucana e do sertão do Pajeú.

¹ Mestra em linguística pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, atualmente é bolsista Capes e realiza o doutorado na mesma instituição, elizabhattcosta@hotmail.com

² Mestrando em Ciências da Linguagem pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, linguagensproftallys@yahoo.com

Dessa maneira, partimos, inicialmente, da hipótese defendida por Rumeu (2013); para quem, a partir de fins do século XIX e início do século XX, o VOCÊ adentrou definitivamente no quadro pronominal do português brasileiro. Em uso, a forma inovadora passou a alternar com a forma pronominal tradicional de segunda pessoa do singular (TU), que, segundo Gomes e Lopes (2016), é também utilizada no contexto das relações simétrica de maior intimidade, no estado de Pernambuco.

Por esse mesmo caminho, Gomes (2014) e Costa (2019), em seus estudos sobre cartas pernambucanas, produzidas na região metropolitana do Recife, por escreventes ilustres e não ilustres, demonstram que, na segunda metade do século XX, já existem registros das formas de VOCÊ se estabelecendo na posição sintática de sujeito, alternando com formas do paradigma de TU e, conseqüentemente, concorrendo a esse lugar de intimidade.

Ataíde e Lima (2018), em um estudo empreendido sobre cartas de amor produzidas no alto sertão pernambucano, por escreventes não-ilustres, a partir da segunda metade do século XX, apontam sinais desse caminho de intimidade percorrido pela forma inovadora nos anos 50 e 70, na região do sertão pernambucano. Segundo os autores, dentre as décadas de 1950 e 1970, a forma VOCÊ veio ascendendo gradativamente o lugar de intimidade próprio do pronome TU, com dados apontando para uma maior competitividade das formas nos anos 50 e ascendência significativa do VOCÊ já nos anos 70.

Por conseguinte, a presente análise pretende congrega, aos estudos acima apresentados, os resultados comparativos sobre as formas recorrentes de dizer e o embate das formas tratamentais Tu e Você na posição de sujeito presentes nas 50 missivas de amor da Região Metropolitana do Recife (RMR) e nas 138 missivas de amor da região do Alto Sertão do Pajeú no recorte temporal do século XX.

2 APORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Os nossos estudos partem dos caminhos da linguística sócio-histórica do português brasileiro e da Linguística Histórica (MATTOS & SILVA, 2004) e teórico-metodologicamente entrecruzam-se com a vertente da Sociolinguística-Histórica, também desenvolvida no Brasil (LOPES, 2018), assim, nos baseamos na perspectiva quantitativa dos estudos variacionista (LABOV, 2008[1972]), associado ao modelo das Tradições Discursivas (*Doravante* TD, KABATEK, 2008). Dessa maneira, neste artigo,

objetivamos apresentar um panorama quantitativo dos dados intralinguísticos sobre a alternância das formas de tratamento TU e VOCÊ, ocupando a posição sintática de sujeito em cartas de amor de escreventes que residiam na capital e no sertão pernambucano. Nesse sentido, para além da variável dependente TU e VOCÊ a ser analisada, elegemos as seguintes variáveis independentes para rodagem no programa computacional estatístico *GoldvarbX*: a) função sintática de sujeito; b) forma concreta de realização das formas; c) exclusividade e não-exclusividade das formas pronominais na composição dos textos; d) padrão e organização sintática (concordância).

Sendo assim, da capital recifense, o *corpus* constituído para esta análise é composto por 50 cartas do subgênero amor, trocadas na segunda metade do século XX, por um jovem casal de noivos não-ilustres, entre os anos de 1949 e 1950, sendo 20 missivas femininas e 30 missivas masculinas. No tocante ao sertão pernambucano, a amostra é constituída por 138 cartas amorosas redigidas em dois períodos do século XX: anos 50 e 70, em diferentes fases dos relacionamentos dos jovens casais sertanejos. Desse modo, a partir desse material e das evidências dos dados do embate entre as formas pronominais de tratamento TU e VOCÊ, poderemos mapear os caminhos do subsistema de tratamento pernambucano atuando na posição sintática de sujeito no contexto das relações de intimidade simétricas-solidárias entre casais, evocadas nas cartas de amor da capital e do sertão no século XX.

Nesse sentido, é importante mencionar que os *corpora* de textos coletados para este estudo encontram-se disponíveis na Plataforma digital do Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco³, sediado atualmente no Campus da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST) e coordenado pelo Professor Dr. Cleber Alves de Ataíde.

Dessa maneira, na próxima seção discutiremos sobre as formas recorrentes de dizer nas missivas pernambucanas e a relação desses dizeres com o perfil social dos escreventes. Para além disso, também abordaremos na mesma seção os resultados quantitativos que envolvem o embate entre as formas tratamentais Tu e Você na posição de sujeito em cartas da Região Metropolitana do Recife e, igualmente, em cartas da região do Alto Sertão do Pajeú.

³ Site do LeDoc - <http://www.ledoc.com.br/sobre>

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 As formas recorrentes de dizer e o perfil social dos escreventes dos missivistas pernambucanos

Em relação à constituição do perfil social dos escreventes, salientamos que o *corpus* correspondente aos pernambucanos moradores da Região Metropolitana do Recife (RMR) compreende 50 cartas de um casal, sendo 20 cartas da escrevente mulher e 30 do escrevente homem. As cartas foram trocadas entre 1949 e 1950 e correspondem à época na qual o casal noivou, tendo a idade de 14 anos a noiva e 19 anos de idade, o noivo. Quanto à escolaridade, o casal possui o primário completo. Nesse sentido, em relação à prática de leitura e escrita, sabemos que os jovens escreventes, por serem cristãos e praticantes da religião evangélica, frequentemente realizavam a leitura da bíblia e escreviam muito sobre isso em suas cartas. Em vista disso, para seleção e composição do *corpus*, observamos as formas recorrentes de dizer (KABATEK, 2006) em toda a carta pessoal do subgênero amor que contribuem para uma maior intimidade do casal, afastando distâncias e possibilitando assim uma maior alternância no tratamento com TU e VOCÊ, conforme Costa (2019) observou.

De forma geral, as missivas de amor do casal J e N seguem a estrutura composicional que tradicionalmente possuem as cartas pessoais, como podemos observar abaixo:

Quadro 1: modos de dizer na carta de amor de Região Metropolitana do Recife

ESTRUTURA COMPOSICIONAL DA CARTA PESSOAL	FORMAS RECORRENTES DE DIZER NAS CARTAS DE AMOR DO CASAL RECIFENSE	
	Escrevente N.	Escrevente J.
LOCAL E DATA	goiana 4 de julho de 1949	Recife Pernambuco em 4 1949
SAUDAÇÃO (SALUTATIO)	Querido J. paz do Senhor	Querida N. a paz do senhor
CAPTAÇÃO DA BENEVOLÊNCIA (CAPTATIO BENEVOLENTIAE)	É com sorriso nos lábios e as saudades no coração que pego na pena para dirigir-ti estas linhas em correspon- dência da que me enviar-te.	Dos poucos momentos di minha vida a alegria. O maior foi este em que pego nesta umiulde pena para ti dizer que foui bem di viagem graça au nosso Deus
TEXTO (NARRATIO)	J. do domingo para a segunda não avalias a tristeza que acompan- harme eu só dezia a Deus que ch[e]gase o dia de ti ver-te em pessoalmente para poder	N. vosser não pode a valiar a grande saudade que eu tenho de vosseros meus olhos ti contempra com os teus rizo tão lindo igora vejomi tão auzente de ti



	dizer-te o que sinto sinto[...]	[fol. 1v] mais isso sim tudo Deus proverá [...]
PEDIDO (PETITIO)	[...] não custe me escrever com duas pala- vra eu fico satisfeita[...].	[...]sim minha querida medite efesios cap 5 e ve 1 em diante [...].
DESPEDIDA/ CONCLUSÃO (CONCLUSIO OU PERORATIO)	vou terminar para le enfadar ja está paricendo um [jornal]. Mamãe e V. envia a paz A. está passando uma sema- na com migo[...] nada mais da quem te ama.	Fica em auzencias qeum ti ama.
ASSINATURA (SUBSCRIPTIO)	N. [espaço] fim amôr.	J.R.B. fim

Fonte: Estrutura composicional da carta pessoal adaptada conforme de Castilho da Costa (2012 *apud* COSTA, 2019, p. 104).

As 50 cartas amorosas foram trocadas por um casal de noivos, jovens e, na época, um dos escreventes era morador de uma cidade que hoje é considerada como parte da Região Metropolitana do Recife, a então cidade de Goiana, e o outro, residia em um dos bairros mais centrais de Recife. No caso, a moradora feminina morava em goiana e o escrevente masculino era o residente de um dos bairros centrais do Recife, no qual também trabalhava. Além disso, as 50 cartas abrangem o período de um ano e foram trocadas entre os anos de 1949 e 1950.

Relativo à estrutura composicional da carta de amor do casal J e N, percebemos que os assuntos das missivas e as expressões linguísticas usadas pelo casal de noivos guarda muita relação com suas práticas religiosas. Dessa forma, não é por acaso que encontramos formas recorrentes de dizer relacionadas a essa temática em toda a carta, sobretudo na saudação (“paz do senhor”) e na despedida (“envia a paz a...”). Nesse sentido, outras formas recorrentes de dizer nas missivas do casal também estão presentes na captação da benevolência, como “dos poucos momentos da minha vida...” ou em “pego nesta humilde pena para te dizer...”.

Sendo assim, essas formas de dizer evocam formas linguísticas empregadas repetidamente pelo casal (COSTA, 2019), como também apresentaram-se na própria despedida (“fica em ausências quem te ama” ou em “nada mais de quem te ama”). Essas formas recorrentes de dizer auxiliam na aproximação dos ausentes (MARCOTULIO, 2008) e, conseqüentemente, relacionam-se com o uso alternado das formas TU e VOCÊ na posição sintática de sujeito nessa situação de intimidade (GOMES; LOPES, 2016).

De igual modo, no tocante o perfil social dos escreventes, a amostra de cartas

sertanejas selecionadas para este estudo é composta por 138 missivas do subgênero amor, redigidas em dois períodos históricos do século XX: anos 50 e 70. Os escreventes são oriundos de duas comunidades de fala rurais, adjacentes ao município de Triunfo, localizadas no território do Alto Sertão do Pajeú pernambucano: Sítio Brejinho e Sítio Fazenda Porção. Todos os escreventes eram praticantes da religião católica e apresentavam relativo baixo e médio grau de escolaridade. Ademais, ressaltamos que as escreventes femininas destes materiais mantinham uma relação assimétrico de parentesco: tia > sobrinha.

Para estabelecermos um parâmetro composicional das amostras de textos representativos desta localidade, também observamos nas cartas sertanejas os elementos de tradição discursiva que compõem a estrutura das cartas do subgênero amor (COSTA, 2019; GOMES & SILVA, 2018) e as formas recorrentes de dizer que contribuem para uma relação de maior intimidade entre os casais. A partir daí, acreditamos que a alternância das formas de tratamento variantes para a segunda pessoa do singular TU e VOCÊ, também sejam motivadas por diferentes contextos de maior intimidade, ao longo do relacionamento entre os casais.

No quadro apresentado a seguir, podemos observar alguns elementos que são tradicionalmente evocados pela escrita do gênero epistolar:

Quadro 2: modos de dizer na carta de amor do sertão pernambucano

ESTRUTURA COMPOSICIONAL DA CARTA PESSOAL	FORMAS RECORRENTES DE DIZER NAS CARTAS DE AMOR DO CASAL RECIFENSE	
	Escrevente R.	Escrevente M.
LOCAL E DATA	Brejinho 18 de -2-58	Não identificada neste corpus
SAUDAÇÃO (SALUTATIO)	Minha noiva Saudades de ti	Meu querido Noivo Minhas Saudades
CAPTAÇÃO DA BENEVOÊNCIA (CAPTATIO BENEVOLENTIAE)	Recebi a tua cartinha fiquei rejubilado em saber notícias tuas.	Sendo hoje para mim, momentos de jubilo ao pegar na minha atrasada pena para dar-tes ais minhas notícia e ao mesmo tempo conres- ponder a tua amavel cartinha, na qual veio me trazer grande alegria e deixar saudades.
	M as saudades que vivo sofrendo são cruéis a nossa	Meu querido noivo tu não avalias ais saudades que



TEXTO (NARRATIO)	se- paração é um martírio para mim porque o coração que ama quer estar sempre jun= to da pessoa amada. Olhe tenho ancias em [[em]] me vistar contigo para o meu coração matar a sêde de amor que vive sofrendo Maria domingo eu fui com Dé ate a casa de seu Arturmas eu ía até lá em sua casa; mas desconfiei que você não estava em casa e voltei. Lamentei quando soube que você estava mas não tem na= da fica para quando nós se avistar entãoo meu coração irá passar momentos felizes ao teu lado. [...] Vivo se parado de ti mas um dia nós nos vere= mos unidos pelos laços matrimoniaes se assim for a vontade de Deus.	vivo sofrendo por te nestes dias que não posso passar ao teu lado sentindo a doçura do teu amor, olha a tua auzência para mim e mais do que um martris, porque quem ama sinceramente a separação e o maior tormento. Quizera eu ter a certeza que minha carta seria recebida com [rasura] o mesmo prazer, como eu recebia a tua
PEDIDO (PETITIO)	Não identificada neste corpus	[...] aceite lembrança e um forte aperto de mão desta tua noiva que morre por te que e esta tua
DESPEDIDA/ CONCLUSÃO (CONCLUSIO OU PERORATIO)	amo-te de verdade	Aqui vou terminar enviando os meus sinceros votos de felicidade.
ASSINATURA (SUBSCRIPTIO)	R J S	M R S

Fonte: Estrutura composicional da carta pessoal adaptada conforme de Castilho da Costa (2012 apud COSTA, 2019, p. 104)

O quadro acima exemplifica duas cartas de amor dos anos 50, que ao todo temos 22 missivas trocadas por um jovem casal apaixonado de 16 e 21 anos de idade, a missivista feminina e missivista masculino respectivamente. Os escreventes nasceram e cresceram na mesma comunidade de fala: Sítio Brejinho. As missivas abarcam três diferentes períodos do relacionamento entre o casal: amigos apaixonados, namoro e noivado.

Nesse sentido, algumas expressões linguísticas evocadas na tradição de local e data dos documentos, associadas ao uso de vocativos na saudação e às referências tradicionais de captação de benevolência, ajudam a inferir o tipo de relação estabelecida entre os escreventes e a mapear os estágios de construção do relacionamento entre os

jovens apaixonados. O exemplo a seguir, extraído do *corpus*, ilustra algumas dessas evidências:

- (1) “Brejinho *31de agosto de 1958* | *Minha querida noiva* | M. R. | *Saudades e amor* [...]”
- (2) “Recebi *a tua* cartinha fiquei rejubilado | em saber noticias *tuas*. [...]” (CA_M_1958_LeDoc).

Como podemos observar no excerto acima, os elementos linguísticos evocados na tradição da data e da saudação das cartas, registram cronologicamente o local de origem dos documentos e vestígios dos estágios do relacionamento em que se encontravam os jovens missivistas apaixonados naquele período sócio-histórico. O emprego do pronome possessivo “Minha” relacionado ao adjetivo “querida” e ao substantivo “noiva”, que ajuda a revelar o papel social da destinatária e do remetente das cartas, naquele momento de escrita, também evidenciam o grau de intimidade e o tipo de relação estabelecida entre os jovens naquele ano.

Com isso, poderíamos localizar a escrita das cartas em um contexto de produção sócio-histórica mais amplo e mapearíamos os estágios de [+maior] e [-menor] intimidade na relação dos jovens apaixonados que, provavelmente, poderiam estar condicionando o emprego de uma ou outra forma de tratamento pronominal na composição das cartas. Como exemplo, podemos observar, no excerto (1) acima, a evocação dos elementos pronominais “tua” e “tuas”, utilizados na tradição discursiva de captação de benevolência da carta, num contexto sócio-histórico de [+ intimidade] entre os escreventes durante a construção do relacionamento (noivos).

Torna-se, assim, importante ressaltar que a escrevente feminina (M) da amostra acima exemplificada é autora de apenas 1 carta que compõem os textos representativo desse período. M foi alfabetizada naquela comunidade de fala no nível escolar de primeiras letras. Já o missivista do gênero masculino (R) é responsável pelo narratio das demais 21 cartas representativas dos anos 50 e não possui nível de escolaridade. Contudo, a escrita de seus textos era delegada a outro redator. R, o missivista narrador, trabalhou como agricultor e tirador de trempe⁴ no engenho da família de sua amada, e também era praticante da religião católica. Dessa maneira, passamos a considerar a “escrita” as epístolas do remetente R como uma *escrita delegada*, uma vez que o

⁴ função designada para quem operacionalizasse uma das etapas referente ao processo processos de cozimento da rapadura naquela região.

conteúdo empregado no texto é de autoria do próprio sujeito, embora a materialização em modalidade de língua escrita seja destinada a um terceiro.

Assim, o redator das cartas de R, o Senhor T, ocupou o cargo de presidente do sindicato dos trabalhadores rurais do município de Triunfo, trabalhou como cozinheiro de rapadura, agricultor e professor (apenas para homens) naquela comunidade do Sítio Brejinho. O referente missivista não tinha formação de nível superior para exercer a profissão docente, embora, fosse considerado um dos grandes sábios daquela região, pelo fato de ser um dos poucos homens letrados à sua época.

Já no contexto histórico dos anos 70, a amostra de textos selecionados para este estudo é constituída por 116 cartas sertanejos. As cartas foram trocadas por escreventes que residiam em comunidades de fala distintas: a remetente feminina C. é natural do Sítio Brejinho e o remetente masculino J. do Sítio Fazenda Porção.

Na época de escrita dos seus textos, C. concluiu a formação média no grau de magistério e, na infância, manteve contato contínuo com a bíblia, jornais, livros e demais suportes e gêneros textuais de natureza diversa que, segundo a informante, tornaram-na autodidata no processo de alfabetização. Segundo a escrevente, seu relacionamento afetivo com o destinatário de suas cartas teve início em 1º de janeiro de 1972 e se consolidou em casamento no dia 1º de julho de 1978. Nesse período, C tinha 20 anos de idade e seu amado 18. As cartas coletadas registram, praticamente, todo o estágio de namoro até a consolidação do noivado.

O destinatário das cartas de C, o missivista J, nasceu no município de Floresta, alto sertão do estado de Pernambuco, onde residiu até os 17 anos, no Sítio Fazenda Porção. Anos mais tarde, mudou-se para a região urbana do município de Triunfo, onde conheceu sua amada. J ingressou na carreira militar em fins dos anos de 1974 e ficou impossibilitado de concluir o restante de sua escolarização no nível médio de contabilidade.

Diante o exposto, podemos notar, no quadro acima, que nem todas as cartas escritas pelos remetentes sertanejos apresentam-se com todos os elementos típicos da estrutura retórica do subgênero carta de amor. Dessa forma, esse fato corrobora o relatado por Bakhtin (2003 *apud* Costa, 2019, p.7), para quem os gêneros textuais são tipos relativamente estáveis de enunciados, atualizados de acordo com os propósitos comunicativos dos interlocutores. O que nos revela também que a estrutura tradicional da carta não é estática, mas sim relativamente estável, pois há uma atualização à

composição do subgênero carta de amor, e, portanto, essas formas recorrentes de dizer atendem, sobretudo, às necessidades comunicativas específicas dos escreventes. Ainda no viés das tradições discursivas, também evidenciamos modos recorrentes de dizer que evidenciam a intimidade e o tipo de relação estabelecida entre os remetentes, nos dois períodos do relacionamento analisados.

Diante do exposto, partiremos então para os principais resultados quantitativos relacionados às formas treatmentais Tu e Você na posição de sujeito em missivas do RMR e da região do Alto Sertão do Pajeú.

3.2 Uma análise quantitativa das formas de tratamento Tu e Você presentes nas missivas da RMR e da região do Alto Sertão do Pajeú do século XX

Ao analisar a alternância das formas de tratamento TU e VOCÊ na posição sintática de sujeito em cartas de amor da capital pernambucana, obtivemos que as evidências empíricas do *corpus* deste artigo apresentam as seguintes coocorrências nas cartas de amor da capital recifense:

(3) Dados de Você preenchido e não-preenchido na posição de sujeito:

a. [...] **você disse** que mamãe esta esquecida de você **(de N para J)**.⁵

b. [...] a carta que **Ømandou** para sua mãe **(de N para J)**.

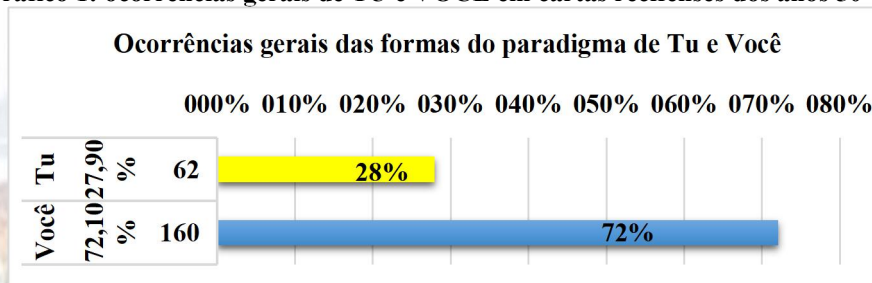
(4) Dados de Tu preenchido e não-preenchido na posição de sujeito:

a. [...] porque **tu bem sabes** quem ama longe sofre [...] **(de J para N)**.

b. [...] não **Øavalias** a tristeza que acompanhar-me [...] **(de N para J)**.

Nessa perspectiva, o gráfico abaixo apresenta os dados quantitativos gerais de ocorrência das formas do paradigma Tu e Você na posição de sujeito:

Gráfico 1: ocorrências gerais de TU e VOCÊ em cartas recifenses dos anos 50



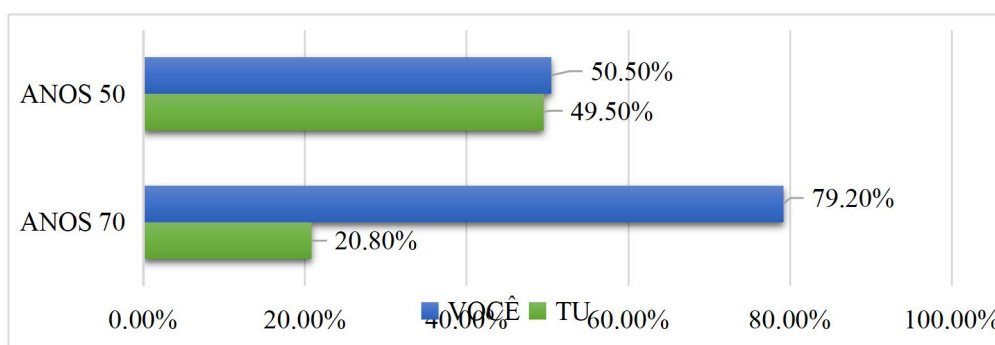
Fonte: produzido pelos autores deste artigo

⁵ Como já afirmado na seção anterior, os exemplos seguem de acordo com as transcrições que estão fundamentadas nas notações filológicas de Guedes e Berlinck (2000) para uma interpretação semi-diplomática, assim, preserva-se a escrita dos escreventes.

No total de 50 cartas de amor de pernambucanos da capital recifense, o resultado geral obtido sobre as formas de tratamento TU e VOCÊ ocupando a posição sintática de sujeito, sendo sujeito preenchido e não-preenchido, foi de 222 ocorrências. Essas ocorrências estão subdivididas em 62 da forma de tratamento TU e 160 da forma de tratamento VOCÊ, correspondendo respectivamente a aproximadamente 28% e 72% dos dados.

Já no cômputo geral das ocorrências de TU e VOCÊ, nas cartas sertanejas de duas décadas do século XX, obtivemos os seguintes resultados sobre o uso das formas de tratamento variantes, ocupando a posição sintática de sujeito, para a expressão pronominal da segunda pessoa do singular:

Gráfico 2: ocorrências gerais de Tu e Você em cartas sertanejas do anos 50 e 70



Fonte: produzido pelos autores deste artigo

Como também evidenciado por Lima (2018) e Ataíde & Lima (2018), no contexto sócio-histórico dos anos 50, podemos observar que as formas de tratamento variantes apresentam-se num universo total de 77 dados, distribuídos no subsistema de tratamento pernambucano (VOCÊ_TU) de modo praticamente proporcional, com frequência de VOCÊ equivalente a 50,5% (39/77) e frequência de TU equivalente a 49,5% (38/77). Já no diz respeito ao contexto sócio-histórico dos anos 70, podemos observar que a forma inovadora VOCÊ destacou-se em uso preferencial pelos escreventes, apresentando-se, assim, com 79,2% dos casos (586/740) e, em contrapartida, há uma queda exponencial de uso do canônico TU, que apresenta-se em uso com frequência equivalente a 20,8% (153/740). Os dados supracitados forma extraídos dum universo total de 740 ocorrências. Com isso, poderíamos constatar que há uma generalização gradativo de uso do pronome inovador VOCÊ, alternando com o íntimo TU, no sertão pernambucano, ao longo da segunda metade do século XX.

Ademais, em relação às formas de realização de Tu e Você nas missivas da RMR, podemos observar nos dados da tabela abaixo a forma VOCÊ ocupando majoritariamente a posição sintática de sujeito como forma concreta preenchida. Diferentemente do gráfico 1, a tabela a seguir mostra separadamente os dados das formas de TU e VOCÊ na posição sintática de sujeito enquanto formas concretas de realização preenchida e não-preenchido.

Tabela 1: Função sintática das formas tratamentais

FORMAS DE REALIZAÇÃO DA VARIÁVEL DEPENDENTE	TU	VOCÊ	TOTAL
Sujeito preenchido	46/62 (23%)	154/160 (77%)	200/222 (90%)
Sujeito não-preenchido	16 /62(72,7%)	6/160 (27,3%)	22/222 (10%)
TOTAL	62/222 (27,9%)	160/222 (72,10%)	222 (100%)

Fonte: produzida pelos autores deste artigo

Os dados sobre a função sintática de sujeito preenchido, na tabela acima, mostraram-se produtivos entre as duas formas de tratamento. Entretanto, o uso da forma VOCÊ na posição de sujeito preenchido disparou quantitativa e percentualmente, representado por 154 ocorrências e 77% do percentual total de sujeitos ocupando essa posição. Ainda que menos produtiva que a forma VOCÊ, a forma TU na posição de sujeito preenchido está representada por 46 ocorrências e 23% do percentual, isto é, a forma TU é aproximadamente quase quatro vezes menos produtiva que a forma VOCÊ. Do contrário, a forma de tratamento TU em posição de sujeito não-preenchido é quase três vezes mais produtiva que a forma VOCÊ na mesma posição, sendo 16 (72,7%) ocorrências de TU e 6 de VOCÊ (27,3%).

Sobre a questão de maior produção de sujeitos preenchidos, observado na tabela 1, temos o que os estudos de Duarte (1993, 1995) atestam que o Português Brasileiro (*doravante* PB) estaria atravessando por uma reorganização do quadro pronominal e esta mudança estaria diretamente relacionada à redução do paradigma flexional, necessitando-se cada vez mais a presença de sujeitos preenchidos (DUARTE, 1995; COSTA, 2019).



Diante dessa perspectiva, tentamos perceber a produção quantitativa de dados das formas tratamentais TU e VOCÊ na posição de sujeito não-preenchido ou preenchido nos seguintes contextos de uma mesma missiva:

(5) Dados de VOCÊ preenchido ou não-preenchido na posição de sujeito com uso exclusivo em uma mesma missiva:

a. **Você** pode não querer vir por outro motivo **(de N para J)**.

b. [...] mas **Você** já me disse que **Ø** não **acha** trabalho para interromper [...] **(de N para J)**.

(6) Dados de TU preenchido ou não-preenchido na posição de sujeito com uso exclusivo em uma mesma missiva:

a. [...] **Tu compreendes** o meu amor[...] **(J para N)**.

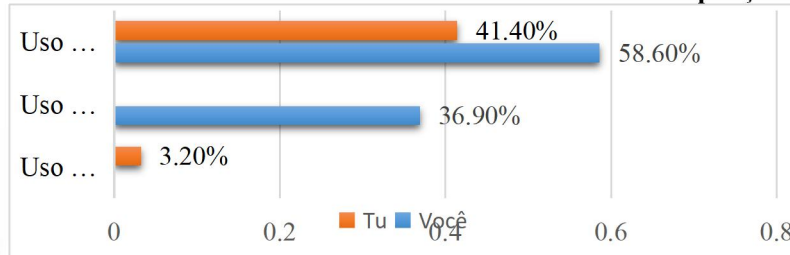
b. **ØTens** mandado para *mim* eu tenho recebido **(de J para N)**.

(7) Dados de alternância de TU e VOCÊ na posição de sujeito em uma mesma missiva:

a. [...] o Que **Você manda** dizer-me em tua| cartinha eu poderia considerar-me | Feliz mais creio que estas palavras| saem de um coração sincero e não fin-| gido não e assim? Fiquei muito alegre em| saber que **tú vem** passar são João comigo| manda-me dizer o dia porque se for po- | ssível eu vou te esperar [...] Z. **tú pedes**, que | eu ore por ti olhar eu nunca me esqueço de entregar-te ao senhor[...] **(de N para J)**

Sendo assim, ao observar a exclusividade ou não exclusividade das formas TU e VOCÊ na posição de sujeito nas missivas, chegamos aos seguintes resultados:

Gráfico 3: dados de exclusividade e não exclusividade das formas na posição de sujeito



Fonte: produzido pelos autores deste artigo.

O uso exclusivo da forma TU em todas as missivas foi de 7 ocorrências, representado no gráfico acima por 3,2% dos 222 dados. O uso exclusivo de VOCÊ obteve a produtiva quantidade de 82 ocorrências, sendo representadas por 36,9% desse mesmo quantitativo de dados gerais. Nesse sentido, o uso alternado das formas TU e VOCÊ em uma mesma missiva mostrou-se bem mais produtivo e desse uso obtivemos 133 ocorrências, representando 59,9% dos 222 dados gerais.

Como mostra o gráfico 3, separadamente os dados de VOCÊ em alternância percentualmente representam 58,60% das 133 ocorrências, tendo obtido 78 ocorrências; e também de modo isolado os dados de TU em alternância representam 41,40 % e foram obtidas 55 ocorrências das 133 de dados de alternância em uma mesma missiva.

Por conseguinte, ao cruzarmos os dados de TU e VOCÊ na posição de sujeito preenchido e não-preenchido com o grupo de fatores exclusividade e não exclusividade das formas de tratamento em uma mesma missiva, percebermos a peculiaridade de mais formas plenas de VOCÊ exclusivo (79 ocorrências) ou em contexto de alternância (75 ocorrências) e também a forma de TU preenchido (39 ocorrências) foi mais produtiva neste contexto. Contudo, nas cartas em que os escreventes usaram exclusivamente formas do paradigma de TU todas as ocorrências encontradas foram na posição de sujeito preenchido, obtendo-se apenas 7 ocorrências nessa posição. De igual modo, houve poucas ocorrências de VOCÊ não-preenchido, totalizando em 6 ocorrências (3 sendo em cartas de uso exclusivo de você e 3 em cartas com alternância das formas). Ademais, só obtivemos formas de TU na posição de sujeito não-preenchido nas cartas de amor em contexto de alternância, ao total 16 ocorrências.

Corroborando a discussão dos dados acima apresentados, os estudos de Gomes e Lopes (2016) e Costa (2019) mostram que a produtividade das formas de tratamento TU e VOCÊ na posição de sujeito preenchido em missivas do subgênero amor é enorme, principalmente, devido ao tipo de relação estabelecida entre os escreventes, que é de intimidade, pois a carta aproxima as distâncias que há entre os casais. Nesse sentido, é o lugar no qual acontece um maior embate das formas TU e VOCÊ e, portanto, é no uso alternado dessas formas em que vemos a forma VOCÊ ganhando e ocupando a posição de sujeito (COSTA, 2019).

No que diz respeito à posição sintática de sujeito em cartas sertanejas, investigamos a preferência de uso das formas pelos escreventes enquanto formas concretas preenchidas e não-preenchidas. Assim, a tabela a seguir, ilustra as ocorrências extraídas do corpus dos anos 50:

Tabela 2: A categoria de sujeito preenchido e não-preenchido nos anos 50.

VARIÁVEL DEPENDENTE	VOCÊ	TU	TOTAL
Sujeito preenchido	25/39 (64,1%)	34/38 (89,5%)	59/77 (76,6%)
Sujeito não-preenchido	14/39 (35,9%)	4/38 (10,5%)	18/77 (23,4%)



TOTAL	39/77	38/77	77 (100%)
-------	-------	-------	-----------

Fonte: produzida pelos autores deste artigo.

É possível perceber, na tabela acima, que ambas as formas variantes apresentam-se preferencialmente na posição sintática de sujeito preenchido ($59/77 = 76,6\%$).

No universo particular de uso do pronome VOCÊ, nos anos 50, observamos que 64,1% de realização da forma equivale à categoria de sujeito preenchido e, curiosamente, 89,5% dos casos de TU, apresentam-se funcionalmente no mesmo contexto morfossintático. Ressaltamos, também que o uso do pronome VOCÊ apresentou alguns dados significativos enquanto forma concreta não preenchida (35,9%).

Os exemplos (8) e (9), adiante, ilustram alguns casos extraídos do corpus.

(8) “M. no dia santo de quinta- |feira, eu não procurei falar | **com você porque você estava** | com Luiz e Regina senti acan- | hamento [..]. **M. se tú me amas** de verdade responda esta carta | que para mim será motivo | de grande alegria. Brejinho 29 de. 6-57” (CA_M_1957 –LeDoc).

(9) “M. eu observei nas pala= | vras que **Ømandastes** dizer na carta | que **tu ainda duvidas** do meu amor | **mas você não tem rasão de assim | se expressar** porque eu **lhe** amo com | toda sinceridade e para mim, digo | sem hipocrisia só existe você [...]” (CA_M_SD – LeDoc).

Em (8), podemos perceber a variação entre VOCÊ e TU na posição sintática de sujeito preenchido e a funcionalidade da forma inovadora, também, em outro contexto morfossintático: pronome complemento preposicionado. No tocante ao exemplo (9), percebemos uma idiosincrasia no subsistema de tratamento pernambucano VOCÊ_TU. Detectamos na escrita dos remetentes sertanejos, três formas alternantes na posição de sujeito como estratégia de referência à segunda pessoa do singular: Primeiramente, observamos um dado peculiar de hipercorreção cujo remetente opta pelo uso de uma forma não preenchida do modo indicativo do pretérito perfeito de segunda pessoa do plural - “**Ømandastes**” -, para referir-se à 2ª pessoa do singular. Em seguida, notamos o emprego de TU preenchido, marcando concordância clássica de segunda pessoa. E, por fim, o uso do inovador VOCÊ, também preenchido, com marcação de concordância em terceira do singular.

No levantamento dos dados referentes ao período dos anos 70, obtivemos as seguintes constatações sobre o preenchimento ou não do sujeito:

Tabela 3: A categoria de sujeito preenchido e não-preenchido nos anos 70.



VARIÁVEL DEPENDENTE	VOCÊ	TU	TOTAL
Sujeito preenchido	311/586 (52,9%)	5/153 (3,7%)	316/740 (42,7%)
Sujeito não-preenchido	276/586 (47,1%)	148/153 (96,3%)	424/740 (57,3%)
TOTAL	587/740 100%	153/740 (100%)	740/740 (100%)

Fonte: produzida pelos autores deste artigo

A partir da tabela 3, acima, notamos que, no período sócio-histórico dos anos 70, a forma inovadora (VOCÊ) mantém-se, preferencialmente, produtiva na posição de sujeito enquanto forma preenchido, apresentando-se com 52,9% dos casos, o equivalente a 310 ocorrências; embora, percebamos também uma alta produtividade da forma enquanto sujeito não-preenchido, apresentando-se com 47,1%. Na contramão dessas evidências, notamos um declínio de produtividade de TU enquanto sujeito preenchido (3,7%) e uma alta produtividade da forma enquanto sujeito não-preenchido (96,3%). Esse comportamento revela a resistência da forma canônica típica das relações simétricas de maior intimidade na desinência do verbo.

Os excertos (10) e (11), a seguir, ilustram algumas das evidências detectadas no corpus dos anos 70.

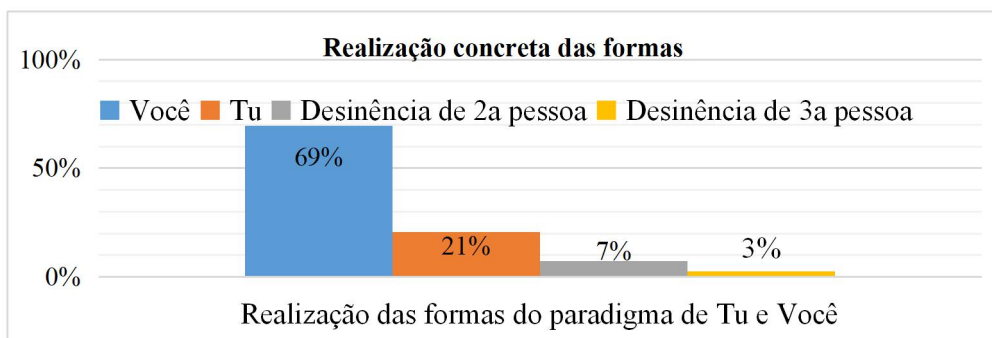
(10) “[...] É justamente o que estou pensando quando **você não escreve**, principalmente quando **Ødiz** que vai escrever e não **Øescreve**[...]” (CA_F_1972 – LeDoc)

(11) “[...] **Como Øsabes** eu me preocupo | sempre com os outros; principalmente quando estes me são queridos [...]” (CA_F_1974 – LeDoc)

No exemplo 10, acima, podemos observar o uso de VOCÊ pela remetente em categoria de sujeito preenchido e não preenchido em uma mesma sequência enunciativa. Em 11, temos um exemplo de uso do TU em sua maior preferência de realização como forma concreta não preenchida.

Levando essa discussão em consideração, escolhemos também controlar, no *GoldvarbX*, o padrão de organização sintática estabelecido no uso concreto das formas de tratamento TU e VOCÊ. Nesse sentido, subdividimos esse grupo de fator em quatro fatores de realização: I. realização concreta da forma VOCÊ; II. realização concreta da forma TU; III. realização desinencial de segunda pessoa; IV. realização desinencial de terceira pessoa, como podemos visualizar a seguir:

Gráfico 4: Realização concreta das formas tratamentais



Fonte: produzido pelos autores deste artigo.

No gráfico 4, os dados que mais se sobressaíram foram os da realização concreta da forma VOCÊ, sendo representado por 69% dos dados e, portanto, sendo os dados com maiores índices de ocorrências de sujeito preenchido. Em seguida, temos que o percentual de 21% que representa a realização da forma TU. Por outro lado, os resultados percentuais sobre as realizações desinenciais de 2ª (7%) e 3ª pessoas (3%) foram inversamente proporcionais aos dados de realização concreta das formas VOCÊ e TU. Isso mais uma vez corrobora os estudos de Duarte (1995), Rumeu (2013) e Costa (2019) sobre a reorganização do quadro pronominal e a redução das flexões, pois observamos que enquanto há uma alta produção da realização concreta das formas tratamentais de sujeito preenchido, cada vez menos os escreventes têm realizado a concordância com as suas respectivas formas desinenciais nas cartas de amor de Recife dos anos 50.

Esse aspecto da concordância das formas de tratamento TU e VOCÊ foram controlados no programa quantitativo e podem ser visualizados no gráfico abaixo:

Tabela 4: padrão de organização Morfossintática

PADRÃO DE ORGANIZAÇÃO SINTÁTICA	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	TOTAL %
Você-3ª Pessoa	160 ocorrências	72,1%
Tu-2ª Pessoa	36 ocorrências	16,2%
Tu-3ª Pessoa	26 ocorrências	11,7%

Fonte : produzida pelos autores deste artigo

Os dados do tabela acima ilustrados representam o grupo de fatores do padrão de organização morfossintática das formas de tratamento TU e VOCÊ. Desse modo, esse grupo de fatores compreende: a) VOCÊ com concordância de 3ª pessoa; b) TU com

concordância de 2ª pessoa; e o c) TU com concordância de 3ª pessoa. Consideramos como evidência empírica os dados dos seguintes exemplos:

(12) **Você com concordância de 3ª pessoa**, como em: “a paz que **Você mandou** eu dei a todos” (de N para J).

(13) **Tu com concordância de 2ª pessoa**, como em: “**Tu pedes** que eu ore por ti” (de N para J).

(14) **Tu com concordância de 3ª pessoa**, como em: “N **Tu não avalia** a dor das saudades [...]” (de J para N).

Nessa perspectiva, a partir das ocorrências destacadas acima, obtivemos que o VOCÊ com concordância de 3ª pessoa foi mais produtivo, tendo obtido 160 ocorrências de VOCÊ e representando 72% dos dados totais. De outro modo, a forma TU com concordância compreende 36 ocorrências e representa 16% dos dados totais. Além disso, encontramos 26 ocorrências da forma Tu com concordância de 3ª pessoa, que representa 12% dos dados. Considerando este último dado, como já afirmado por Duarte (1995), uma das marcas linguísticas que mostra o VOCÊ concorrendo e ocupando o lugar de TU é justamente o apagamento da desinência número-pessoal nos verbos, perdendo, assim, a marca de concordância, por exemplo em “Tu vai” (paradigma de 3ª pessoa que corresponde a um vestígio da entrada do Você no quadro pronominal) em lugar de “Tu vais/Øvais” ou “Você vai/Øvai” (COSTA, 2019, p. 80).

Nesse sentido, conforme Duarte (2000), o enfraquecimento da flexão verbal pode ser verificado ao observarmos que, com a entrada das formas VOCÊ e a gente no quadro pronominal do PB, o paradigma verbal, em algumas regiões do Brasil, passou de seis formas distintas no século XIX para quatro ou cinco formas no século XX. Assim, nas amostras analisadas, percebemos que, para além de um cerimonioso VOCÊ, existe a forma VOCÊ sendo usada ao lado de um TU íntimo e, ao mesmo tempo, ocupando o lugar de intimidade das relações, como afirmado em outros estudos (RUMEU, 2013; LOPES, GOMES, 2016; COSTA, 2019).

No tocantes às incidências do fator concordância nas cartas sertanejas, observamos que as formas variantes, no contexto dos anos 50, apresentam-se produtivas da seguinte maneira:

Tabela 5: fator de concordância anos 50

PARADIGMA DE CONCORDÂNCIA	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	TOTAL %
Você-3ª Pessoa	39 ocorrências	50,6%
Tu-2ª Pessoa	29 ocorrências	37,7%



Tu-3ª Pessoa	9 ocorrências	11,7%
VOCÊ-TU	77 ocorrências	100%

Fonte: produzida pelos autores deste artigo.

A partir dessas evidências, observamos que, na escrita amorosa dos sertanejos pernambucanos nos anos 50, concorrem três paradigmas de concordância para o emprego das formas variantes em posição sintática de sujeito. Majoritariamente, notamos que os escreventes preferem compor suas cartas com o uso do pronome-sujeito VOCÊ, com paradigma de concordância original em terceira pessoa do singular, registrando 50,6% dos casos. Seguido pelo uso de TU, na mesma posição, com dois modos possíveis de organização sintática: (I) com expressão de concordância clássica na segunda pessoa (37,7%) e (II) com expressão de concordância inovadora de terceira pessoa do singular (11,7%).

Nos exemplos (15), (16) e (17), a seguir, ilustram-se alguns dos casos detectados:

(15) “[...] **Se você tiver** | amizade a mim, **Øtenha paciência**, que | eu de agora por diante vou trabalhar | pra esse fim. (CA_M_1958 – LeDoc).

(16) “o vacuo que tinha no meu cora | ção **tú<↑só> foi** capaz de preencher; **tú | somente é a dona** do meu coração | e merecedora do meu amor [...]” (CA_M_1956 – LeDoc).

(17) “[...] Ama | porque na realidade o amor que eu con | sagro a **tua pessoa** é igual[...] **tú unicamente tú és digna** do meu | amor **tú és aquela que faz a minha | felicidade** (CA_M_1957 – LeDoc).

(18)

Em (15), notamos o uso de VOCÊ com o padrão de concordância em 3ª pessoa do singular, seguido por uma forma concreta de realização do sujeito não-preenchido. Já em (16), observamos o comportamento paradigmático “atípico” do pronome TU com concordância de terceira pessoa do singular e, em (17), temos o uso da forma com o padrão clássico de concordância em segunda pessoa do singular. Assim, no controle do padrão de organização morfossintática (concordância), nas cartas dos anos 70, constatamos que, embora a forma inovadora VOCÊ apresente-se significativamente produtiva com o parâmetro original de concordância em terceira pessoa do singular (79%), detectamos algumas evidências de realização da forma com marcação de concordância em segunda pessoa do singular (0,52%), como podemos observar na tabela abaixo:

Tabela 6: fator de concordância dos anos 70

PARADIGMA DE CONCORDÂNCIA S-V	NÚMERO DE OCORRÊNCIA	TOTAL %
Você-3ª Pessoa	39 ocorrências	79%
Tu-2ª Pessoa	147 ocorrências	19,9%
Tu-3ª Pessoa	4 ocorrências	0,58%



Você-2ª Pessoa	3 ocorrências	0,52%
TOTAL	740 ocorrências	100%

Fonte: produzida pelos autores deste artigo

Nesse contexto diacrônico, a forma canônica TU também mostrou-se produtiva com a mesma relação paradigmática mista que o VOCÊ. Detectamos 4 ocorrência de TU (0,58%) em concordância com a terceira pessoa do singular e 147 ocorrências (19,9%) em concordância com o paradigma original de segunda pessoa.

Os excertos (18), (19), (20) e (21), a seguir, ilustram alguns dos casos detectados:

(19) “[...]Olhe | não tenho nem palavras para agradecer-te. Não sei mesmo, **qual o | motivo para você fazer assim**. Quando nos encontrarmos conversarei | melhor; pois agora não sei, nem me expressar [...]” (CA_F_1972 – LeDoc)

(20) “[...] **como | você** estava tão ansiosa pra mim ir passar com você | mas não falta tempo pra mim ir este mes eu vou | depois do dia 20 eu estoarei pela ir **é o tempo que você | tens chegado de São Sarafins** (CA_M_1975 – LeDoc)

(21) “[...] quando é que **tu vem** a | qui **não Ôtem nada** para resolver no JPSP.[...]” (CA_M_1977 – LeDoc).

(22) “[...]Teca **está-um** esteve um pouco nervosa esta semana | e neste momento eu vou olhá-la no sítio. **Como sabes eu me preocupo | sempre com os outros**; principalmente quando estes me são queridos [...]” (CA_F_1974 – LeDoc).

No exemplo 18, percebemos o uso de VOCÊ em concordância com o paradigma de terceira pessoa do singular e, em 19, observamos o uso da forma inovadora em concordância clássica de segunda pessoa do singular. No excerto 20, podemos observar o uso TU preenchido com marcação de concordância em terceira pessoa e, em 21, temos um exemplo da forma clássica de segunda pessoa do singular sendo empregada com seu respectivo paradigma de concordância.

Com relação ao emprego variável das formas de tratamento para a segunda pessoa do singular e ao padrão de organização sintática das formas (concordância verbo-nominal), exposto na escrita dos escreventes sertanejos nas duas décadas analisadas (50 e 70), constatamos que, na zona rural do alto sertão pernambucano, naqueles dois contextos sócio-históricos, os escreventes já faziam uso do atual subsistema de tratamento pernambucano: TU/VOCÊ com concordância média, isto é, dados de TU < 60% com nível de concordância entre 10% e 39% (SCHERRE *et al.* 2009; 2015; 2018) ou, nos termos de Lopes e Cavalcante (2011), os escreventes sertanejos, em ambos os períodos analisados, fazem uso do subsistema de tratamento VOCÊ_TU.

Dessa forma, os resultados deste presente estudo alinham-se ao pressuposto de que enquanto expressão pronominal de segunda pessoa do singular, a forma inovadora VOCÊ instaurou-se preferencialmente no sistema linguístico como pronome sujeito em categoria preenchida, ainda que haja outras ambientações sintáticas que se mostrem favoráveis à funcionalidade do pronome pessoal como, por exemplo, complemento preposicionado e imperativo subjuntivo (DUARTE, 1995; MARCOTULIO; LOPES e RUMEU, 2011). Além disso, no eixo semântico da língua, acreditamos que a forma inovadora detém um caráter *polifuncional*, como detectado por Gomes e Lopes (2016), desde o século XIX, na capital do estado de Pernambuco. Como apontam as autoras, a forma inovadora de segunda pessoa do singular se firmou, desde o início do século XX, como estratégia neutra para qualquer situação comunicativa, seja de maior ou menor intimidade e/ou maior ou menor formalidade, acompanhando, assim, as mudanças que vêm passando a estrutura das relações sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados encontrados, até então, sobre o comportamento variável das formas de tratamento pronominal para a segunda pessoa do singular (TU e VOCÊ), através de cartas do subgênero amor, redigidas na região metropolitana do Recife e no Alto Sertão pernambucano, por casais não-ilustres, na segunda metade do século XX, podemos considerar algumas evidências quantitativas sobre o mapeamento dos caminhos percorrido pelo subsistema de tratamento pernambucano atuando na posição sintática de sujeito no contexto das relações simétricas solidárias entre casais. No computo geral das formas de tratamento variantes, em cartas da capital dos anos 50, observamos que há uma maior frequência de uso pelos missivistas da forma inovadora VOCÊ (72%) na contramão do canônico TU, que registra-se apenas com 28% das ocorrências. Em contrapartida, no sertão pernambucano, nesse mesmo período histórico, notamos uma distribuição praticamente proporcional entre as formas variantes, com dados de VOCÊ equivalentes a 50,5% e dados de TU com frequência de 49,5%. É importante ressaltar que, devido à problemática referente ao quantitativo de corpus representativo do fator gênero dos escreventes, não podemos fazer uma generalização absoluta sobre a realidade linguística referente a esse período naquela região. Nesse sentido, para a composição dos *corpora* selecionados para esse estudo, observamos que todos os textos são constituídos pelos elementos tradicionais que compõem a estrutura

das cartas do subgênero amor e que há formas recorrentes de dizer que evidenciam o tipo de relação estabelecida entre os escreventes. Assim, no tocante à realização concreta das formas de tratamento, constatamos que em ambas as localidades e períodos analisados, a forma tratamental VOCÊ é preferencialmente utilizado na posição sintática como sujeito preenchido. Por conseguinte, os dados aqui apresentados detêm caráter preliminar e pretendem ser melhor explorados em estudos posteriores.

REFERÊNCIAS

COSTA, E.C.C. **Cartas pessoais de pernambucanos dos séculos XIX E XX: o comportamento das formas tratamento Tu e Você na posição de sujeito sob o enfoque da historicidade da língua e do texto.** Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2019.

DUARTE, M.E.L. **A perda do princípio “Evite pronome” no português brasileiro.** Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

_____. The loss of the ‘avoid pronoun’ principle in Brazilian Portuguese. In: KATO, Mary Aizawa; NEGRÃO, Esmeralda Vailati (Eds.). **Brazilian Portuguese and the nul lsubject parameter.** Madrid: Iberoamericana, 2000. p. 17-36.

GUEDES, M.; BERLINK, R. de A. (ed.). **E os preços eram commodos** – Anúncios de jornais brasileiros século XIX. São Paulo: Humanitas, 2000.

GOMES, V. S. **Tradições discursivas, variação e mudança no sistema pronominal de tratamento do português brasileiro em cartas pessoais pernambucanas (séculos XIX e XX).** Relatório de atividades acadêmicas do Estágio Pós-Doutoral em Letras Vernáculas, apresentado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Nov., 2014. 52 p.

_____.; LOPES, C. R. dos S. Formas tratamentais em cartas escritas em Pernambuco (1869-1969): tradição discursiva e sociopragmática. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 24, p. 137, 2016.

KABATEK, J. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico. In: CIAPUSCIO, G.; KONSTANZE, J.; KAISER, D.; LOPES, C. R. dos S. (eds.). **Sincronía y Diacronía de Tradiciones discursivas en Latinoamérica.** Frankfurt a.m.: Vervuert, 2006.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos.** Trad. BAGNO, M.; SCHERRE, M. M. P.; CARDOSO, C. R. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

MATTOS & SILVA, R.V. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

RUMEU, M. C. B. **Língua e sociedade: a história do pronome “Você” no português brasileiro.** Rio de Janeiro: Ítaca, 2013.